

Os Clichês da Editora UFPE: Descobertas iniciais

Los Clichés de la Editora UFPE: Primeros descubrimientos

The Clichés from Editora UFPE: Initial findings

Livyan L.A. Nascimento, José Yank da Silva, Yasmin O. Silva, Solange G. Coutinho, Íkaro S.C.S. Oliveira

clichês, memória gráfica, Editora UFPE, produção gráfica

A Editora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) destaca-se como uma importante instituição na construção e disseminação do conhecimento acadêmico no estado. Durante muitos anos, a editora fez uso recorrente dos clichês – matrizes de impressão que desempenharam um papel fundamental na produção gráfica em larga escala a partir da metade do século 20. Este estudo teve como objetivo valorizar, analisar e catalogar a presença dos clichês usados na antiga produção da Editora UFPE, buscando compreender como essas práticas influenciam a identidade visual contemporânea por meio da pesquisa em seu acervo. O estudo não só promove a preservação de sua memória e produção gráfica na perspectiva do design da informação, mas também abre novas possibilidades para a pesquisa e a utilização criativa nesse campo.

clichés, memoria gráfica, Editora UFPE, producción gráfica

La Editorial de la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE) se destaca como una importante institución en la construcción y difusión del conocimiento académico en el estado. Durante muchos años, la editorial hizo un uso recurrente de los clichés, matrices de impresión que jugaron un papel fundamental en la producción gráfica de gran escala a partir de mediados del siglo XX. Este estudio tuvo como objetivo valorar, catalogar y analizar la presencia de clichés utilizados en la antigua producción de la Editora UFPE, buscando comprender cómo esas prácticas influyen en la identidad visual contemporánea a través de la investigación de su acervo. El estudio no sólo promueve la preservación de la memoria y la producción gráfica desde la perspectiva del diseño de la información, sino que también abre nuevas posibilidades para la investigación y el uso creativo en este campo.

clichés, graphic memory, Editora UFPE, graphic production

The Editora of the Federal University of Pernambuco (UFPE) stands out as an important institution in the construction and dissemination of academic knowledge in the state. For many years, the publisher frequently used clichés – printing matrices that played a fundamental role in large-scale graphic production from the mid-20th century onwards. This study aims to highlight, catalog, and analyze the presence of clichés used in the former production of the Editora UFPE, seeking to understand how these practices influence contemporary visual identity through research in its collection. The study not only promotes the preservation of its memory and graphic production from the perspective of information design, but also opens up new possibilities for research and creative use in this field.

1 Introdução

A Editora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) destaca-se como uma importante instituição na construção e disseminação do conhecimento acadêmico no estado. “A Editora UFPE, cujo nome inicial era Imprensa Universitária, foi criada em 1955 e instalada

definitivamente no ano seguinte como parte da estrutura da Reitoria da então Universidade do Recife, antiga denominação da UFPE” (UFPE, 2024). Durante muitos anos, a editora fez uso recorrente dos clichês – matrizes de impressão que desempenharam um papel fundamental na produção gráfica em larga escala a partir da metade do século 20. Esses clichês, utilizados em processos de impressão em tipografia, por exemplo, antes da chegada da impressão digital, eram confeccionados, em sua maioria, com materiais como zinco e nylon.

Os clichês tipográficos são matrizes metálicas com imagem e/ou texto em relevo, sendo posteriormente utilizados em máquinas tipográficas para impressão (Aca et al., 2019). Tais matrizes, após gravadas, são fixadas em bases de madeira com cola ou adesivo. Produzidos por meio de técnicas como galvanotipia, estereotipia ou fotogravura¹, os clichês permitiam a transferência precisa de imagens para superfícies de impressão, garantindo um nível de detalhe que outros processos de gravura não alcançavam (Porta, 1958, p.79). Normalmente associados ao uso da linguagem gráfica nos seus modos de simbolização: pictóricos, verbais e esquemáticos (Twyman, 1982), os clichês influenciavam diretamente a estética das publicações e a forma como os leitores percebiam a informação.

Contudo, apesar de sua importância estética, com o avanço das tecnologias digitais e a modernização dos processos gráficos, os clichês foram progressivamente entrando em desuso, o que levou ao seu negligenciamento ao longo do tempo. Esse declínio relegou essas matrizes, outrora essenciais, a uma posição secundária ou até mesmo obsoleta, diminuindo o reconhecimento de sua importância histórica na produção e na memória gráfica. À medida que o design gráfico se digitaliza, há um risco crescente de que o valor das técnicas manuais e tradicionais seja esquecido, apagando não só processos, mas também a história e a memória que eles carregam (Lupton, 2024).

A memória gráfica é uma peça fundamental na compreensão da identidade visual de uma determinada época ou organização, visto que os recursos e técnicas gráficas aplicadas nos produtos impressos refletem a estética e práticas de cada período histórico. Artefatos gráficos desempenham um papel crucial no nosso cotidiano através da comunicação e interação com a paisagem urbana. Mesmo construindo uma base para a formulação de identidades coletivas, os estudos sobre esses artefatos foram negligenciados por décadas (Farias, 2014).

Este estudo teve como objetivo valorizar e catalogar os clichês usados na antiga produção da Editora UFPE, que atualmente está em desuso, propondo ir além da recuperação física desses objetos, ao buscar também restaurar seu valor histórico. Ao revisitar esses materiais, reconhece-se sua importância para a construção da memória gráfica bem como para a compreensão dos sistemas de design de informação que compuseram a produção e organização do conhecimento impresso. Desde o final do século passado, o interesse pelo processo de impressão tipográfica tem crescido no Brasil e no mundo, especialmente entre designers que a utilizam como diferencial em seus projetos (Neder, 2014). A investigação

¹ A galvanotipia é um processo de impressão baseado em eletrólise para criar matrizes metálicas, a estereotipia utiliza moldes de metal para reproduzir uma composição tipográfica, e a fotogravura transfere imagens fotográficas para chapas metálicas.

foi guiada por questões como: quais categorias e tipos de clichês eram empregados pela Editora UFPE? Quais clichês podem ser catalogados para valorização dessa memória gráfica? E quais abordagens de design da informação foram utilizadas no período?

2 Metodologia

O estudo dos clichês começou com a busca por materiais remanescentes em gráficas de Recife. Foram visitadas três instituições: a UFPE, o IFPE e a editora independente Titivillus. No IFPE e na Titivillus, foram encontrados poucos clichês, totalizando cerca de 20 unidades no total. Esses clichês, produzidos na última década, representavam apenas ícones da literatura. No IFPE, foram localizados 15 clichês provenientes da antiga gráfica da ETEC², que produzia materiais gráficos para a escola, como brasões dos cursos. Devido à quantidade limitada de peças nessas duas instituições, o estudo concentrou-se no acervo mais extenso encontrado na UFPE, com o objetivo de finalizar o trabalho da professora Isabella Aragão que previamente catalogou os tipos móveis da Editora UFPE (Aragão, 2010).

O acervo tipográfico da Editora está distribuído em cavaletes, com 101 caixas de tipos móveis, contendo oitenta e quatro fontes únicas e dezessete fontes repetidas (Aragão, 2010). Contando também com 20 gavetas de clichês, dessas, apenas 10 guardavam algum tipo de material, sem nenhum tipo de classificação.

Realizamos quatro visitas ao prédio da editora para executar o processo de catalogação inicial dos clichês (Tabela 1), em um processo de limpeza, fotografia e pré curadoria das imagens. Durante a primeira visita, Marcos e Mero³, funcionários da editora conversaram com a equipe sobre a produção e uso dos clichês, além de compartilharem suas vivências como tipógrafos. Não houve elaboração de roteiro para a entrevista, que foi gravada e posteriormente transcrita.

Segundo Halbwachs (2012), quem se lembra sozinho do que os outros não lembram, é como alguém que enxerga o que os outros não veem. Dessa forma, destaca-se a importância dos profissionais da tipografia que assim como a memória gráfica das peças, carecem ser valorizados e ouvidos de forma a perpetuar o seu ofício.

De acordo com Marcos, o processo de clichê em zinco envolve o preparo e gravação da chapa para impressão. Inicialmente, uma chapa de zinco de 1,5 a 2 mm é revestida com esmalte numa centrífuga. Após secar, um fotolito negativo é colocado sobre a chapa e exposto à luz, transferindo a imagem. A chapa é então aquecida a quase 200 graus para fixar a imagem, que passa por uma revelação e, em seguida, uma etapa de gravação em ácido nítrico, criando o relevo necessário para a impressão. A parte elevada retém a tinta, enquanto a área rebaixada permanece sem tinta, formando o clichê.

² ETC - Escolas Técnicas Estaduais.

³ Marcos trabalhou na Pecorel, extinta clichêria de Recife, que produzia clichês em zinco para a região, incluindo a própria editora. Mero, formado no curso de tipógrafo, atua na editora há muitos anos e trabalhou na produção de clichês de nylon, assim como materiais gráficos utilizando tipos móveis.

Já na produção dos clichês de nylon, Mero destaca que a principal diferença é que, no caso do nylon, a revelação é feita com álcool absoluto. Assim como no processo com zinco, a imagem é escovada, podendo ser feita manualmente ou com auxílio de uma máquina.

Quando perguntados sobre a memória gráfica e o estudo desses materiais, ambos colocam os clichês e tipos móveis como algo histórico e educacional, principalmente para estudantes de design que querem entender as origens da impressão. Embora apreciem a tradição e 'charme' desse método, é comum preferirem tecnologias mais modernas, como o offset, que sucedeu os tipos, pela rapidez e qualidade superior que oferecem. A tipografia, por sua vez, é rica em história e segue valorizada como uma prática relevante para processos experimentais.

Tabela 1: Etapas da visitação.

Etapas da visitação:	
1) Análise inicial do acervo	Inicialmente analisamos o cavalete destinado aos clichês, no conjunto de 20 gavetas encontramos dois tipos de clichês, de zinco e de nylon. Os de zinco foram produzidos, em sua grande maioria, na clicheria Pecorel. Já os de nylon eram produzidos na própria editora.
2) Limpeza e registros	Devido ao desuso dos materiais, as gavetas apresentavam muita sujeira e algumas estavam emperradas. Antes de iniciar os registros fotográficos dos clichês, realizamos uma limpeza nas 10 gavetas que continham algum material. Durante duas tardes, dispomos as gavetas e clichês na mesa para limpeza e executamos uma pré curadoria baseada no estado de conservação das peças, que devido ao tempo, principalmente materiais de nylon, tendem a se deteriorar e perder as características originais do clichê. Após esse procedimento, registramos individualmente as peças com o auxílio de uma câmera fotográfica e celular.
3) Análise inicial	Encontramos ao todo 421 clichês de zinco e nylon em 10 gavetas das 20 presentes no cavalete. Distribuídos sem nenhum tipo de categorização.

3 Os clichês da Editora UFPE

Dos 421 clichês documentados do acervo da editora UFPE, foram catalogadas por completo 63 peças. Para a catalogação (Figura 1), unimos em uma planilha a imagem do clichê, categoria que pertence e subcategoria se preciso, material que é construído, se existem repetições, data em que foi registrado, dimensões da peça e observações, caso necessário. A partir dos registros feitos nas visitas, foi possível documentar as características dos clichês, analisar detalhadamente e realizar pesquisas sobre as peças selecionadas. Como critério para essa seleção, buscou-se evidenciar todas as categorias enumeradas, apontando assim exemplos de cada uma.

Figura 1: Parte da planilha de categorização do acervo de clichês (Fonte: os autores 2024)

	Clichê	Categoria	Material	Se repete?	Data	Tr Dimensões	Tr Observações	Subcateg
2		Imagéticos	Nylon	Sim	24/09/2024	4,8 x 4,5	Máquina datilográfica	Não
3		Imagéticos	Zinco	Não	24/09/2024	4 / 3,5	Capela	

A investigação do acervo, gerou um grande volume de registros imagéticos, tornando fundamental uma organização sistemática para sua análise. Nesse contexto, as ferramentas do Design da informação facilitam a identificação dos dados reunidos, conduzindo sua análise e tratamento de maneira eficaz, o que aprimora a visualização e identificação de questões específicas (Lócio et al., 2024). Ao escolher a categoria adequada para cada tipo de clichê, foi possível tratar cada um dos registros e apresentar seus resultados.

A categorização dos objetos foi realizada com base na análise dos próprios clichês, a partir de informações obtidas por meio de reconhecimento de imagem e entrevistas com os impressores da gráfica. Algumas categorias foram definidas com base nas explicações fornecidas pelos criadores dos clichês e pelos profissionais que os utilizavam, como é o caso da categoria "Finados". Para a criação das categorias, utilizou-se o método de card sorting⁴, que consistiu inicialmente na observação geral de todos os clichês e na formação de grupos com base em semelhanças visuais e funcionais entre os objetos.

Após essa etapa, as categorias foram nomeadas e refinadas conforme as informações relativas à função, ao uso e ao destino final dos clichês, são elas: 1. Institucionais (com quatro subcategorias); 2. Ornamentos, caracteres (letras e números), texturas e preenchimentos (chapados); 3. Comerciais (com três subcategorias); 4. Imagéticos (com duas subcategorias); 5. Educacionais; 6. Patriotismo brasileiro; e, 7. Dúvidas (organizada em 3 conjuntos), como descreveremos a seguir.

A primeira categoria, *clichês institucionais* (Figura 2), reúne os clichês relacionados à UFPE enquanto instituição. Por apresentar grande diversidade, foi criada uma subcategoria para detalhar e agrupar melhor as peças. Esta é a categoria que concentra o maior número de clichês, incluindo também o mais antigo do acervo: o brasão da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco, utilizado entre 1946 e 1964.

⁴ Marcos trabalhou na Pecorel, extinta clichêria de Recife, que produzia clichês em zinco para a região, incluindo a própria editora. Mero, formado no curso de tipógrafo, atua na editora há muitos anos e trabalhou na produção de clichês de nylon, assim como materiais gráficos utilizando tipos móveis.

Foram encontrados também clichês da própria editora, alocados na subcategoria de mesmo nome, com logotipos e a peça mais recente do conjunto, já com a nova denominação “Editora UFPE”, anteriormente chamada de “Editoria Universitária”.

Na subcategoria *TVU*, referente à TV Universitária da UFPE, foi identificado o primeiro símbolo do canal, utilizado entre os anos de 1968 e 1984. Já as subcategorias *Cursos UFPE* e *UFP* reúnem os brasões dos cursos da instituição, bem como os das pró-reitorias e demais setores da universidade, como a FADE – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da UFPE.

Figura 2: Exemplares de clichês direcionados às instituições da UFPE (Fonte: os autores 2024).



O segundo grupo de categorias é composto pelos clichês relacionados a *ornamentos*, *caracteres (letras e números)*, *texturas* e *preenchimentos (chapados)*, que agrupam elementos gráficos utilizados para enriquecer visualmente as composições tipográficas, servindo como adornos ou preenchimentos que decoravam e complementavam o design dos textos (Figuras 3a, 3b, 3c e 3d). Esses elementos desempenhavam um papel estético importante, adicionando complexidade visual e identidade às publicações.

Em contraste, a categoria de clichês tipográficos abrange aqueles que contêm palavras, frases ou blocos de texto, sendo empregados diretamente na reprodução de conteúdo escrito. Esses clichês tipográficos não só facilitavam a produção em massa de impressos, como também contribuíram para a padronização e uniformidade dos materiais gráficos.

Figura 3 (a): Exemplos do acervo com propostas de ornamentos. (Fonte: os autores 2024).

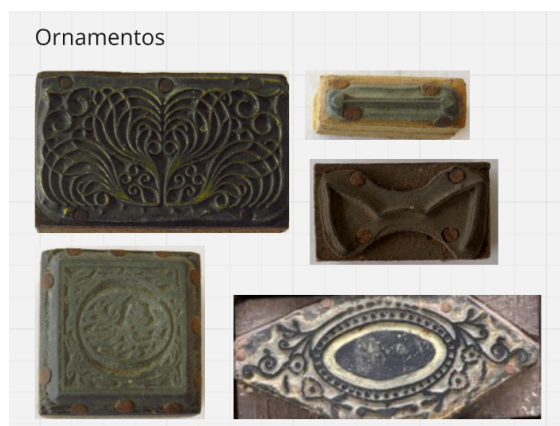


Figura 3 (b): Exemplos do acervo com propostas de letras e números. (Fonte: os autores 2024).



Figura 3 (c): Exemplos do acervo com propostas de texturas e chapados. (Fonte: os autores 2024).



Os clichês de categoria denominada *comerciais* (Figuras 4a, 4b e 4c) tratam-se de matrizes gráficas relacionadas a estabelecimentos comerciais e suas identidades visuais. Esses clichês eram amplamente utilizados em materiais impressos, como anúncios, embalagens e documentos, ajudando a consolidar a imagem corporativa e a fortalecer a presença das marcas no mercado. Seguindo a mesma lógica, a subcategoria marcas e logotipos também são compostos por elementos gráficos que identificam visualmente empresas e comércios, servindo como uma representação condensada de sua identidade. Por fim, a subcategoria assinaturas, também de cunho comercial, destinados a profissionais como médicos, sendo utilizadas em cartões de visita, prescrições e outros materiais oficiais.

Figura 4(a): Clichês de cunho comercial com logomarcas e assinaturas (Fonte: os autores 2024).



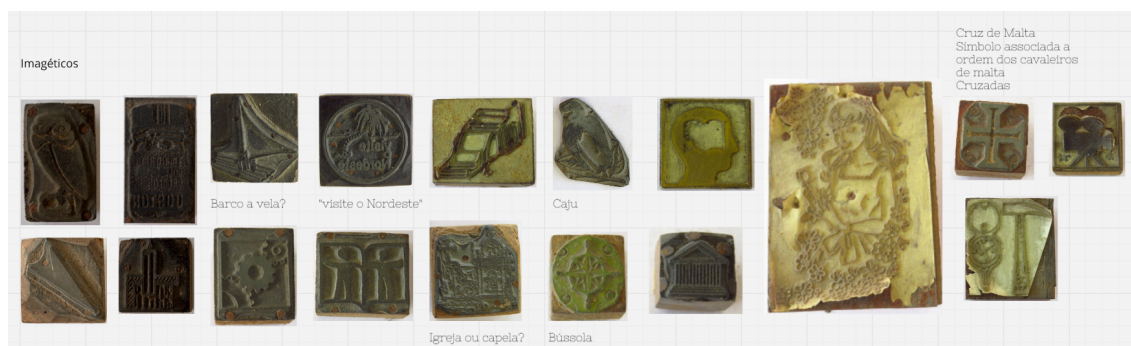
Figura 4(b): Clichês de cunho comercial com assinaturas (Fonte: os autores 2024).



Os clichês *imagéticos* (Figura 5) foram assim denominados por abrangerem representações visuais que, embora reconhecíveis, não possuem uma correlação imediata ou direta com um objeto ou conceito específico. Esses elementos gráficos são frequentemente utilizados para evocar sensações ou agregar valor estético à composição, sem necessariamente transmitir um significado concreto ou simbólico.

Em contraste, a subcategoria dos símbolos são representações visuais que carregam significados específicos, estando intrinsecamente ligados a determinados signos ou conceitos culturais, religiosos ou sociais. Já a subcategoria dos clichês de imagens relacionados ao sétimo dia apresentam retratos de pessoas falecidas, sendo comumente utilizados em panfletos de missa em ação de graças.

Figura 5: Parte do acervo de clichês imagéticos e símbolos (Fonte: os autores 2024).



A categoria *educacional*, que inclui tabelas, gráficos e conteúdos didáticos, reúne materiais destinados ao ensino, amplamente utilizados em livros didáticos, manuais, folhetos e outros suportes educativos.

Decorrente da relação institucional da editora, a categoria *patriotismo brasileiro* engloba diversas versões e tamanhos do brasão oficial do país. Esses materiais eram empregados em

documentos oficiais, peças de comunicação e publicações institucionais, reforçando o caráter oficial das produções gráficas (Figuras 6a e 6b).

Figura 6(a): Exemplos de tabelas (Fonte: os autores 2024)



Figura 6(b): Exemplos de clichês educacionais e associados ao patriotismo (Fonte: os autores 2024)



Figura 6(c): Exemplos de clichês associados ao patriotismo (Fonte: os autores 2024)



Por fim, a categoria *dúvidas* abarca clichês que não apresentaram características suficientes para sua identificação nos demais grupos. As quais, em análise futura, serão revisitadas para melhor catalogação.

Entre os achados do acervo, destacamos três conjuntos de matrizes identificadas após longas pesquisas. O primeiro conjunto (Figura 7), composto por quatro clichês, representa o símbolo do Sesquicentenário da Independência do Brasil, criado por Aloísio Magalhães no ano de 1972, em celebração dos 150 anos da Independência do Brasil (Espaço Aloísio Magalhães, 2024). A logomarca oficial estampou moedas comemorativas, documentos, selos e postais da época. Esse conjunto não só preserva a memória de um marco histórico nacional, mas também ressalta a contribuição de Magalhães para o design brasileiro.

Figura 7: Clichê do Sesquicentenário da Independência brasileira (Fonte: os autores 2024 e Espaço Aloísio Magalhães).



Guaianases de Gravura foi um importante espaço para a produção gráfica e artística do estado de Pernambuco. Criada em 1974, a oficina localizada em Olinda produziu gravuras artísticas, principalmente utilizando a técnica da litogravura (Enciclopédia Itaú Cultural, 2024). Em 1995, seu acervo foi doado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Já a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), foi uma empresa brasileira de transporte ferroviário criada em 1957, que percorria parte do território brasileiro com sede regional em Recife (Wikipédia, 2024).

Figura 8: Clichês da Oficina Guaianases e RFFSA (Fonte: os autores 2024, Itaú Cultural e Wikipédia).



O terceiro e último conjunto (Figura 9), reúne clichês em nylon de associações, agências e institutos que atuam ou atuaram no estado de Pernambuco ou em território nacional. Seguindo a ordem a partir da primeira fileira horizontal, a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (FIDEM)⁵ é uma organização que planeja e realiza pesquisas que visam o desenvolvimento social e econômico do estado. Seguida da ABEn⁶ - Associação Brasileira de Enfermagem, entidade representativa da enfermagem no Brasil, que busca promover a qualificação e a valorização dos profissionais da área. Já o IPSEP, atual Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco (IPE)⁷, é responsável pela administração dos benefícios previdenciários dos servidores públicos do estado. Finalizando com a ABEU⁸, Associação Brasileira das Editoras Universitárias, que representa editoras que publicam pesquisas acadêmicas e científicas. Todos os clichês em nylon eram produzidos dentro da editora, que além de prestar serviços para a universidade, também fabricavam artefatos gráficos para órgãos e pessoas externas ao campus.

Figura 9: Exemplos do acervo relacionados a associações e agências (Fonte: os autores 2024, ABEn e IPE).



3.1 Uma forma de preservação imagética dos clichês de nylon

Tivemos contato com dois tipos de clichês, sendo diferenciados a partir do material do objeto. Os de nylon, diferentes do de zinco que possuem uma boa resistência devido a sua composição, apresentam muitos sinais de desgaste devido a sua condição de preservação e a própria vida útil do material. Sendo assim, esses clichês, em sua maioria, estavam descascando e soltando seu alto relevo do suporte do clichê. No entanto, incentivados pelo

⁵ <https://www.condepefidem.pe.gov.br>

⁶ <https://www.abennacional.org.br>

⁷ <https://www.ipe.pe.gov.br>

⁸ <https://www.abeu.org.br>

objetivo da pesquisa, buscamos maneiras de valorizar essas imagens que não podiam ser impressas ou até reconhecidas devido ao desgaste.

3.1.1 Uso do carbono

Para recuperação dessas imagens (Figura 10), chegamos na solução de utilizar carbono para ilustração dos clichês que não podiam ser impressos e bem reconhecidos. Para isso, fotografamos os devidos objetos, imprimimos as fotos em um tamanho maior para um detalhamento na hora de ilustrar, e utilizamos carbono para simular uma possível impressão do clichê a partir do contorno da imagem com o suporte da foto do objeto por cima do carbono transferível.

Figura 10: Reprodução de um clichê em impressão por carbono (Fonte: os autores).



Após realizarmos pedidos formais à editora para impressão de uma gaveta com clichês selecionados, conseguimos acesso aos objetos e ao Laboratório de Práticas Gráficas (LPG) do Departamento de Design da UFPE para realização da atividade, com a colaboração do impressor Maciel Cunha. Efetuamos o primeiro teste (Figura 11), juntando uma parte dos clichês numa única moldura, para executar uma prova no prelo. A partir dessa primeira prova, percebemos que os clichês, mesmo com um padrão para base desses objetos, possuíam alturas diferentes entre si. Devido a isso, a primeira impressão apresentou falhas consideráveis, saindo apenas as imagens dos clichês mais altos da moldura.

Figura 11: Teste de Impressão no prelo do LPG da UFPE (Fonte: os autores 2024).



Não satisfeitos com apenas algumas imagens sendo reveladas (Figura 12), tentamos imprimir algumas manualmente, com uma colher de pau, em movimentos giratórios estabelecendo pressão entre o papel e o clichê para revelação da imagem. Com isso, conseguimos observar algumas impressões, mas não ideais para o resultado final. Constatamos que um caminho válido seria imprimir cada clichê individualmente, devido às suas alturas diferentes, sendo assim mais fácil de fechar a matriz dentro da moldura no prelo e evitar a diferença de bases.

Figura 12: Resultado dos testes de impressão no Laboratório (Fontes: os autores 2024).



4 Considerações finais

A catalogação dos clichês da Editora UFPE representa uma contribuição significativa para a valorização e a preservação da memória gráfica. O trabalho metódico de identificação, análise e categorização dos 421 clichês, abrangendo uma variedade de categorias informacionais, reflete a riqueza e a diversidade do acervo acumulado e esquecido ao longo dos anos. Assim como sua relevância na preservação da história da Universidade Federal de Pernambuco e seus profissionais, destacando os ligados à produção gráfica.

A experiência prática de manuseio e registro dos clichês, que incluiu fotografia e, posteriormente, o uso da ferramenta Miro para organizar visualmente o material, proporcionou um aprofundamento no entendimento das condições de preservação dos clichês de zinco e nylon, além de permitir a construção de categorias e subcategorias a partir do que foi registrado. Embora muitos clichês apresentassem sinais de desgaste, o esforço para recuperar as imagens, incluindo tentativas de impressão manual, demonstra o comprometimento do grupo com a manutenção do acervo.

As dificuldades encontradas durante o processo de impressão ressaltam a importância de uma abordagem cuidadosa ao trabalhar com essas peças de quase 50 anos. A decisão de imprimir cada clichê individualmente foi crucial para garantir a qualidade e a legibilidade das

imagens resultantes. Essa prática não apenas facilitará a criação de um futuro catálogo mais coeso, mas também contribuirá para a revalorização do acervo, assegurando que as imagens possam ser utilizadas em contextos contemporâneos, enquanto os artefatos originais são mantidos conservados na medida do possível.

O esforço da catalogação dos clichês da Editora UFPE não apenas promove a preservação de sua memória e produção gráfica na perspectiva do design da informação, mas também abre novas possibilidades para a pesquisa e a utilização criativa nesse campo. Evidenciando a valorização de técnicas gráficas tradicionais, incentivando sua reinterpretação em contextos contemporâneos, como exposições, projetos acadêmicos e comerciais.

Como mencionado, a presente experiência foi motivada em concluir o trabalho de Aragão (2010) no qual a pesquisadora catalogou os tipos móveis da Editora UFPE. O trabalho realizado, estabelece as bases para o desenvolvimento futuro de um catálogo digital e/ou físico, que poderá servir como recurso para pesquisadores, designers, historiadores e demais interessados no design gráfico e suas atuações em Pernambuco.

Destaca-se a relevância dos achados do acervo, que evidenciam a riqueza histórica e cultural do material gráfico produzido na Editora UFPE ao longo dos anos. A memória gráfica está intrinsecamente ligada a história do design, e através da conservação desses artefatos é possível manter viva a herança gráfica e doravante, construir uma fonte de pesquisa e inspiração para designers que vivenciaram, ou não, o uso ativo dos tipos móveis e clichês nas impressões.

Referências

- Aca, F., Aragão, I. R., Alcantara, R. & Campello, S. B. (2019). Um estudo sobre a produção de clichês tipográficos com a tecnologia de corte à laser. *Anais do Congresso Internacional de Design da Informação*, 9. São Paulo: Editora Blucher, 2684-2694.
<https://doi.org/10.5151/9cidi-congic-6.0065>
- Aragão, I. R. (2010). Os tipos móveis de metal da Editora UFPE: apontamentos e descobertas. *Anais do 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design 2010*. São Paulo: PPG em Design | Universidade Anhembi Morumbi, AEND-Brasil.
- Associação Brasileira das Editoras Universitárias (2024). Disponível em: <https://www.abeu.org.br>. Acesso em: 01 outubro de 2024.
- Associação Brasileira de Enfermagem (2024). Disponível em: <https://www.abennacional.org.br>. Acesso em: 02 out. 2024.
- Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco - CONDEPE/FIDEM.(2024). Disponível em: <https://www.condepefidem.pe.gov.br>. Acesso em: 09 out. 2024.
- Editora UFPE (2024). Disponível em: <https://www.ufpe.br/editora/sobre>. Acesso em: 02 outubro de 2024.
- Enciclopédia Itau Cultural (2024). *Oficina Guaianases de Gravura*. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao268306/oficina-guaianases-de-gravura>. Acesso em: 02 outubro de 2024.
- Espaço Aloisio Magalhães (2024). Disponível em: <https://aloisiomagalhaesbr.wordpress.com/>. Acesso em: 02 outubro de 2024.

- Farias, P. L. (2014). On graphic memory as a strategy for design history. In: Helena Barbosa & Anna Calvera (Eds.) *Tradition, transition, trajectories: major or minor influences?* São Paulo: Blucher, 201-206. <https://doi.org/10.5151/despro-icdhs2014-0023>
- Halbwachs, M. (2012). *A memória coletiva*. 2ª ed. São Paulo: Centauro.
- IPE – Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco (2024). Disponível em: <https://www.ipe.pe.gov.br>. Acesso em: 23 outubro de 2024.
- Lócio, L. M., Coutinho, S. G. & Waechter, H. N. (2024). O Design da Informação e a relação com o campo da Memória Gráfica e da História do Design Brasileiro. *Fronteiras do design: (in)formar novos sentidos* - Vol. 4. São Paulo: Blucher, 186-207. <https://doi.org/10.5151/9786555503258-07>
- Lupton, E. (2024). *Thinking with Type: A Critical Guide for Designers, Writers, Editors, and Students* (Revised and Expanded). Chronicle Books, 2024.
- Neder, R. (2014). *A prática contemporânea da impressão tipográfica no design gráfico brasileiro*. [Dissertação não publicada]. São Paulo, Brasil: Universidade Anhembi Morumbi.
- Porta, F. (1958). *Dicionário de Artes Gráficas*. Porto Alegre: Globo.
- Rede Ferroviária Federal. Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Ferrovi%C3%A1ria_Federal. Acesso em: 02 outubro de 2024.
- Twyman, M. L. (1982). The graphic presentation of language. *Information Design Journal*, 3(1), 2-22.

Sobre os autores

Livyan Luanne Araújo Nascimento, Graduada, UFPE, Brasil <livyan.araujo@ufpe.br>

José Yank da Silva, Graduando, UFPE, Brasil <yank.silva@ufpe.br>

Yasmin Oliveira Silva, Graduada, UFPE, Brasil <yasmin.oliveirasilva@ufpe.br>

Solange Galvão Coutinho, Ph.D., UFPE, Brasil <solange.coutinho@ufpe.br>

Íkaro Santhiago Câmara Silva Oliveira, Doutorando, UFPE, Brasil <ikarocamara@gmail.com>